

## “Os dias inventados”, vividos

*Eucanaã Ferraz*

O livro *Os dias inventados*, muito mais que uma coleção de poemas sobre a estadia do poeta ou do Cônsul Luís Filipe Castro Mendes no Rio de Janeiro, é uma síntese sobre as viagens, os deslocamentos, o exílio, o estar no mundo, as paisagens exteriores e interiores, a escrita. A dor e a melancolia dos outros livros aqui surgem mais delicadas, discretas, e não escondem certa ternura, sem que nela haja lugar para qualquer complacência. Ternura amarga, há que se dizer, pois a ironia é definitivamente a mais intensa linha de força a atravessar os versos de *Os dias inventados*.

O poema “Uma flor para Dona Cecília” tem bem este tom que incorpora a melancolia lírica e o distanciamento, o lampejo biográfico e o fato, a ironia e a simplicidade, que, de um modo ou de outro, marcam todos os poemas, emprestando-lhes a face de uma languidez ou de uma tristeza indefinida e diária, ao lado de certa alegria também, feita de sorrisos, digamos, tímidos diante do fracasso, da solidão, da falência de todos os projetos e da falta de ilusões:

Só buscamos o ouro onde ele não existe mais:  
chamam-nos contrabandistas, garimpeiros furtivos,  
raras vezes poetas.

Aqui está a marca do deslocamento, da viagem, da procura, mas o viajante que segue incansável em busca de uma preciosidade – uma imagem, uma palavra, uma sílaba, um ritmo, um sentimento – aos olhos dos outros não passará de um sujeito voltado à introdução clandestina de mercadorias estrangeiras, sem pagamento de direitos, num espaço ilegal: o poema. Além da

crítica ao senso comum e da desmitificação do criador e do seu ofício, chama atenção o fato de um poeta cônsul (não um cônsul poeta, é preciso sublinhar) ironicamente imaginar a escrita como comércio ou tráfico proibido. E, mais patético impossível, o poeta/“contrabandista”/“garimpeiro clandestino” busca o ouro onde este já não há. Sua procura tem por base o fracasso, sua tarefa é vã, não se pode constituir qualquer comércio, não chega a existir, ao fim e ao cabo, nada que se pareça com a completude ou o sucesso. O poema é um objeto sem valor. Drummond, fazendeiro do ar; Luís Filipe, contrabandista do vento.

A “Nova canção do exílio”, com infinita doçura, põe as coisas às claras, evitando qualquer romantização: “*não, tu não és daqui*”. O livro segue assim. Diz coisas terríveis: diz da morte, do exílio, do vazio, da solidão, da incompletude. Mas aquela doçura – conseguida com a palavra bem medida, luminosa – torna tudo suportável, embora não menos dolorido.

A ironia está sobretudo voltada para o próprio sujeito que escreve. Auto-ironia, portanto. O terceiro poema da terceira parte do livro, “Sonetos da vida vivida”, traça um ácido retrato do poeta fracassado, inventando para si um lugar (e um tempo: “dias inventados”) onde se situar no jogo perverso entre o sentimento e o talento, entre o querer dizer e o dizer, entre o dizer e o valor (qual?) da coisa dita. Fernando Pessoa aparece como o alto padrão que o poeta, menor, o poeta menos, mira sem nenhum espanto, medindo-se por ele como quem usa um metro externo, que não lhe diz respeito, puro instrumento:

O talento que tinha não chegava  
Para encher com tristeza decassílabos.  
O que em mim sente nem sequer pensava,  
Vivia na rudez dos monossílabos.

Outro poeta, no mesmo poema, servirá como espelho invertido, como imagem cuja natureza modelar não terá sido suficiente para mostrar a “saída”, compreendida a um só tempo como chegada a um bom termo e como desistência:

A crise era do verso. Nem por isso  
fomos jogar aos dados, Mallarmé.

Nenhuma certeza o move, mas o poeta prossegue:

Na frase do poeta o mundo avança  
como bola nas mãos de uma criança.

O poeta aqui é todo ele, embora seja especificamente o António Gedeão de “Pedra filosofal” (“...o mundo pula e avança/ como bola colorida/ nas mãos de uma criança”). O acaso – exemplar e ludicamente sugerido pela presença da criança e sua bola – já se anunciara pela presença de Mallarmé, sim, mas tudo parece agora menos complicado, mais simples (pelo menos aparentemente) e, sem dúvida, menos brilhante, mais cotidiano e prosaico.

Todo o livro se faz, como anunciam os títulos de suas duas partes iniciais, de “Coisas perdidas” e de “Coisas por perder”. A memória não parece oferecer qualquer salvação. Vive-se. A vida é a vida. A vida é o que é. Há nos poemas esta espécie de lógica inútil que apenas constata o movimento das coisas em direção a elas mesmas, todas fechadas em sua inexorável descontinuidade. Mas a linguagem em que toda a tragédia diária se encena não traz marcas de algum desejo de grandiloquência ou de palavras altissonantes. O tom é baixo. Há um recolhimento típico dos sábios e dos céticos que desistiram da vaidade e riem dos que passeiam pelos salões, iludidos com as lâmpadas e as conversas mundanas da vida literária. Há lucidez e desconfiança por demais no poeta de *Os dias inventados* para haver ali alguma crença na poesia que grita, no pulmão inflado do saber, na encenação patética das aparências. Há mesmo uma simplicidade sofisticada muito próxima de certa poesia brasileira: Bandeira, Murilo, Drummond. Talvez este livro esteja mesmo muito distante de certa vertente mais “teatralizante” de alguma poesia portuguesa tão afeita a torneios de linguagem, de sintaxe, a abstrações e efeitos surrealizantes. *Os dias inventados*, ao contrário, está dentro de uma certa tradição clássica.

Exemplarmente, sua grande homenagem dirige-se a Marcial, ou Marcus Valerius Martialis, nascido em Bilbao, Espanha, em 40 d.C. Na juventude, como todos os que buscavam fama, o poeta foi para Roma, dono já de versos cujas influências apontavam para Ovídio, Calímaco e Catulo, mas, apesar de seus esforços, toda a vida dependeu da ajuda financeira de amigos

ricos e do mecenato. Conheceu por dentro a vida luxuriante dos romanos, mostrada em seus epigramas de modo irônico e perverso. Humor corrosivo, sátira social e linguagem concisa são as marcas da poesia de Marcial que vão contaminar sutilmente a poesia de *Os dias inventados*. Ou ainda, a homenagem sublinha as opções feitas por Luís Filipe Castro Mendes neste seu belo livro: o tom coloquial e a ironia, o distanciamento e a crítica, o cotidiano e a tradição, a ausência de preconceitos vocabulares e a contemporaneidade, tudo em suas medidas certas. Ainda mais um exemplo, e poderiam ser muitos. O poema “Estóicos”:

Deixa-te ficar comigo à beira do rio.  
 Entardeceu. Não procures o vulgar brilho da beleza  
 nem a sedução da mocidade.  
 Se te falarem dos deuses, finge entender.  
 E se chamarem poeta ao dono do circo,  
 concorda gravemente.

Não apenas aqui, em todo o livro há uma perfeita trama entre diálogo, pensamento e observação. Mesmo na antiguidade busca-se a força do cotidiano, que então se veste de outro tempo, atando à voz as máscaras de outros personagens e suas linguagens. São outros dias, também eles inventados. O poeta é um fingidor, já se disse.

*Rio de Janeiro, dezembro de 2002.*